

A classical painting of a woman with vibrant red, curly hair. She is shown from the chest up, looking upwards and to the left with a contemplative expression. Her hands are clasped together, holding a dagger vertically against her lips. The dagger has a dark hilt and a long, slender blade. She is wearing a rich, textured brown garment with intricate folds and a dark, possibly jeweled, necklace. The background is dark and indistinct, focusing attention on the figure. The overall style is reminiscent of 19th-century academic painting.

Warley Matias de Souza
BENJAMIN
E
NICOLAU

Warley Matias de Souza

BENJAMIN E NICOLAU

3ª edição
revista pelo autor

Souza, Warley Matias de, 1974-
Benjamin e Nicolau / Warley Matias de Souza. –
3ª ed., 2019.

ISBN 978-85-924102-3-0

1. Romance brasileiro. I. Título.

CDD-869.93

BENJAMIN E NICOLAU

Copyright © 2019 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Imagem de capa: *Joana d’Arc*, de Dante Gabriel Rossetti.

(Obra revista pelo autor em 2025)

Aos homens que tiveram sua voz calada e seu desejo reprimido.

WHEN I PERUSE THE CONQUER'D FAME

*When I peruse the conquer'd fame of heroes and
the victories of mighty generals, I do not envy the
generals,
Nor the President in his Presidency, nor the rich in
his great house,
But when I hear of the brotherhood of lovers, how
it was with them,
How together through life, through dangers,
odium, unchanging, long and long,
Through youth and through middle and old age,
how unfaltering, how affectionate and faithful they
were,
Then I am pensive — I hastily walk away fill'd with
the bitterest envy.*

Walt Whitman.

O CAVALEIRO

UMA NÉVOA INTENSA, em uma noite fria, esconde a cidade de Santa Joana d’Arc, como se ela fosse nada mais do que o produto da imaginação nebulosa de um louco. Naquelas ruas vazias e silenciosas, ouvem-se os cascos do cavalo imaginário que assombra a fé dos santa-joana-darquenses. Sob a luz da lua cheia, a armadura do cavaleiro brilha. Imponente, sobre o animal de cascos inquietos, o cavaleiro ergue sua espada de aço sagrado destinada ao sangue. Joana d’Arc, cavaleiro imaginário, divino, esquizofrênico, a mulher que se vestiu de homem para lutar em nome de Deus, sacrificada e santificada, contempla, de sua eterna morada divina, o florescer do desejo entre dois garotos. Contempla, em estado de sabedoria e graça.

1960

PADRE TEÓFILO, ALTO e magro, protegido por sua batina negra, sentia-se no direito de julgar e condenar. Afinal, ele era o único representante vivo de Deus naquela cidadezinha, já fazia vinte anos. Sua tarefa era árdua, tinha de manter a ordem, precisava evitar a todo custo que os pecados do resto do mundo invadissem o coração do seu povo. Lutaria até o fim, morreria pela causa. Os santa-joana-darquenses deviam andar na linha. Não admitiria uma ovelha desgarrada sequer. Ninguém impediria que ele fizesse o seu papel de fiel servo do Senhor, defensor da moral, dos bons costumes e da família.

Ele fizera questão de convocar todos os habitantes de Santa Joana d'Arc. A igreja estava cheia. Ninguém ousaria se furtar a uma convocação do homem mais temido da cidade, qualquer um preferia ver o capeta em pessoa a ter um confronto com o padre. Só não estavam presentes o coveiro, pois estava nas últimas, sua esposa, que tentava em vão diminuir sua febre, e as freiras, em sua clausura. No mais, toda a cidade estava presente, naquela triste manhã de domingo, em que Maria da Conceição Campos de Toledo, uma jovem de quinze anos, um dos melhores partidos da cidade, filha do dono do cinema *Domrémy*, o general Ataúfo de Toledo, e

da respeitável senhora D. Maria das Graças Campos de Toledo, seria alvo de injúrias.

O padre estava calmo, sabia quando se alterar, não fora à toa que escolhera o sacerdócio, assim sempre teria um palco para atuar.

— É difícil cumprir o meu dever hoje, muito difícil. — Respirou fundo. — Mas Deus fez-me Seu servo, deu-me a dura missão de distinguir o lobo do cordeiro.

O padre calou-se. Passou os olhos pelo recinto, dominador, o olhar severo.

— O demônio veste saias, todos nós sabemos disso. O demônio pinta os lábios de vermelho, quem poderá duvidar? O demônio utiliza-se da beleza juvenil para seduzir os pais de família e destruir lares harmoniosos e felizes. Mas não permitirei! Não permitirei que o demônio viva entre nós e corrompa os meus fiéis. — Passou os olhos, desafiador, pelo recinto. — E quem irá me contestar, hein? Quem!?

Estavam todos muito confusos, não sabiam exatamente o que estava acontecendo. Um burburinho começou a ecoar no interior da igreja.

Padre Teófilo, em seu silêncio teatral, regozijava-se diante da reação de seus fiéis.

Maria da Conceição arregalou os olhos, aterrorizada, quando padre Teófilo apontou para ela um dedo acusador e bradou:

— Eu te excomungo em nome de Deus!

O general Ataúfo, alinhado em seu terno preto, cofiando os bigodes nervosamente, gritou:

— O senhor não tem o direito!

No entanto, para o povo de Santa Joana d’Arc, a palavra de padre Teófilo era lei. E, assim, sem apoio, general Ataúfo desistiu do protesto. E ouviu, resignado, a narração teatral e obscena em que padre Teófilo transformava uma jovem angelical em uma devassa sedutora e demoníaca.

Maria da Conceição chegou a formular frases em sua defesa; mas, tímida como era, ficaram só na intenção. Não suportou o peso dos olhares, fugiu. E quando estava chegando à porta da igreja, no final do corredor, ouviu a seguinte ofensa:

— Puta!

DOIS MESES DEPOIS da arbitrária excomunhão, uma vez que o ventre da jovem já denunciava uma vida, general Ataúfo, como cidadão santa-joana-darquense, em defesa da honra da família, expulsou a filha de casa.

O vento desgrenhava os cabelos castanhos que Maria da Conceição se esquecera de amarrar. Franzina, abraçada à sua pequena mala, parecia uma criança carente de afeto e proteção. As lágrimas brotavam em tal quantidade que o vento não tinha tempo de secá-las. Não via os olhares perversos e insistentes que a acompanhavam; mas podia senti-los como se fossem garras poderosas que oprimiam seu jovem coração. E, desesperada, sem poder conter-se, caiu ajoelhada e aos gritos, extravasou toda a dor, dor que apenas os injustiçados podem entender. Foi quando surgiu, diante de seus olhos cheios de lágrimas, uma imagem divina: uma jovem mulher de cabelos curtos, vestida com uma armadura, e que segurava um estandarte.

— Santa Joana d’Arc! — Maria da Conceição gritou e desfaleceu em seguida.

Quando acordou, ainda estava no mesmo lugar. Caída sobre o chão empoeirado, olhou em torno, meio zozna. Um círculo de pessoas estava concentrado em torno dela. Olhavam-na, cheios de curiosidade e sem nenhuma preocupação. Por

algum tempo, ficou ali, confusa. Mas, de repente, pôs-se de pé e gritou:

— Onde está ela?! A santa! Eu a vi! Santa Joana d’Arc apareceu diante de mim!

Entre os presentes, houve surpresa; e, também, o escárnio:

— Uma puta que vê santas!

Maria da Conceição não ouviu tais palavras. Imersa em si mesma, balbuciava sem parar:

— Santa Joana d’Arc... Santa Joana d’Arc... Santa Joana d’Arc...

E, em prantos, caiu de joelhos:

— Obrigado, Senhor! Obrigado, Senhor!

E seus lábios trêmulos sussurraram uma oração.

Depois, Maria da Conceição levantou-se e, de cabeça baixa, sem levar nada, dirigiu-se rumo ao convento.

As Filhas de Santa Joana d’Arc, como se intitulavam, viviam isoladas do mundo naquele convento. Eram onze irmãs, além da madre, que passavam o tempo a rezar pelas almas dos homens mesquinhos e por suas próprias almas. A única a ter contato com o mundo externo era a madre; mulher rigorosa, porém dona de uma generosidade ímpar.

Ao ouvir as batidas no enorme portão, as irmãs sentiram um arrepio, como se um vento frio

lhes invadissem os hábitos. Todas, como se atendessem a um chamado misterioso, foram para o pátio do convento e ficaram à espera. A madre dirigiu-se até o portão, abriu-o e viu o pálido rosto de Maria da Conceição banhado em lágrimas.

— Pelo amor de Deus, senhora, me deixa entrar.

Sem interpelar a jovem, a madre a fez entrar. Deu ordens para que preparassem a cama da falecida irmã Catarina e conduziu a jovem Maria da Conceição para a cela que seria, a partir de então, o seu refúgio. Fez com que ela deitasse para descansar. Maria da Conceição estava tão cansada que logo adormeceu.

Ao acordar, encontrou a madre sentada numa cadeira ao lado da cama.

— Está bem, querida? — indagou, com carinho, a madre.

— Sim, senhora, estou bem, graças a Deus. Obrigada por me receber em seu convento. Nunca esquecerei sua generosidade.

— Como posso te ajudar, minha menina?

— Recebi um sinal, senhora. Tive uma iluminada visão. Santa Joana d'Arc mostrou-se para mim. Olhou-me com seu olhar firme, com sua força de guerreira. Não sei como explicar; sem dizer sequer uma palavra, ela ordenou-me

que para aqui viesse e permanecesse até o fim de meus dias. Senhora, quero dedicar meus dias a ela.

— Sei quem você é, minha filha.

Uma profunda dor inundou os olhos de Maria da Conceição.

— Senhora, não me abandone também.

— Não se preocupe, meu anjo.

— Ninguém acreditou em mim, senhora. Nem meus pais. Senti-me tão só! A cidade tratou-me como se eu fosse uma prostituta desprezível.

— Não chore, minha criança. — A madre acariciou-lhe os cabelos. — O Senhor é justo. Sua justiça não tarda.

— A senhora acredita em mim?

— Claro que sim.

As lágrimas brotaram com mais força dos olhos de Maria da Conceição.

— Agora choro de felicidade! Finalmente, alguém não me condena.

— Aqui, você está protegida. Pois, aqui, você está com Deus.

— A mulher do prefeito parou-me na rua, senhora. Convidou-me para entrar. Disse ter um assunto importante a tratar comigo, disse precisar de minha ajuda. Senhora, eu nunca imaginaria que...

— Não se angustie mais, querida.

— Dentro da casa, marido e mulher agrediram-me e forçaram-me a... Meu Deus! Vivi os piores momentos da minha vida. Ameaçaram matar-me caso eu contasse alguma coisa a alguém. Conteí ao padre. Pensei que ele fosse me ajudar. Mas ele incitou o ódio do povo contra mim. E o povo acreditou em suas calúnias. Tentei me defender. Mas não acreditaram em mim. Agora meus pais me expulsaram de casa. Toda a cidade julgou-me e condenou-me injustamente. Senhora, obrigada por acreditar em mim.

— Fica calma, querida. Agora, tudo ficará bem.

— Senhora, espero um filho. Não suportarei ver essa criança. Sei que ela não tem culpa, mas não suportarei.

— Calma. Fica tranquila. Nossa mãe, Santa Joana d'Arc, há de nos iluminar. Saberemos o que fazer.

— Não posso ter esse filho, senhora.

— Não diga isso!

A madre ficou pensativa por um momento. E depois:

— Ocorreu-me uma ideia. Talvez essa criança possa fazer seus agressores se redimirem.

— Como, senhora?

— Deus sabe o que faz, meu anjo. Deus sabe o que faz. E não deixe o ressentimento atingir o

seu filho. Ele há de ser uma alma benigna, uma alma realizadora de grandes feitos e com uma superior capacidade de amar.

Alguns meses depois, a primeira-dama encontrou diante da porta de sua casa, em uma cesta, um menino negro de olhar sereno, que foi batizado com o nome de Nicolau.

NORMA TINHA VINTE e sete anos, e Juliano Lopes, seu aluno, tinha dezesseis. A princípio, nem mesmo os enormes olhos azuis do garoto, que arrancavam suspiros das adolescentes, chamaram-lhe a atenção. Talvez porque, apesar de ser extremamente liberal, Norma jamais cogitara, um dia, ter um relacionamento amoroso com um adolescente. Porém, são os sentimentos que não esperamos, são as surpresas do coração, que nos fazem duvidar de nós mesmos. E quando vem a paixão, e quando vem o amor, o nosso lado racional, debilitado, sussurra conselhos inaudíveis; somos, então, apenas animais sequiosos de contato.

Era uma tarde de domingo ensolarada. Norma estava sentada em um banco da praça, tomava um sorvete de morango. Estava um tanto melancólica. As tardes de domingo causavam-lhe melancolia, e certa insatisfação fazia-a suspirar e questionar os porquês da vida. Foi quando sentiu a aproximação de alguém. Era Juliano, de *short* e sem camisa, que, sem pedir licença, sentou-se no banco, ao lado de Norma, e, descarado:

— Quer namorar comigo?

O sorvete caiu da mão de Norma, encontrando, sem rodopios, o chão.

— O que disse?

Ele, sério, repetiu:

— Quer namorar comigo?

— Que ideia mais estapafúrdia é essa, garoto? Eu tenho idade pra ser... pra ser...

— A minha namorada. Gosto de mulheres mais velhas. Eu *quero* você.

Norma sentiu certa irritação diante da segurança e arrogância dele.

— Escuta aqui, menino. Nunca te ensinaram que não se pode ter tudo o que quer?

Ele sorriu, confiante:

— Sempre tenho tudo o que quero.

Norma sentiu raiva:

— Ora...

— E não me chame de menino — ele interrompeu-a. — Sou homem o bastante pra você.

Norma levantou-se, fez menção de partir; mas desistiu ao ouvir:

— Eu te amo.

Ela encarou o jovem e, pela primeira vez, sentiu uma ponta de desejo. Perturbada, afastou-se. Mas, em seu coração, uma semente começava a germinar. E a natureza do seu corpo fazia-a sentir coisas estranhas. Era virgem, aos vinte e sete anos.

— Professora!

Norma parou, virou-se e já ia xingá-lo quando viu Juliano aproximar-se com uma pequena e selvagem flor na mão.

— É pra você.

Entregou a flor e, com um sorriso safado, correu para a rua e sumiu na primeira esquina. Norma, estática, olhava fixo para a flor, como se ela fosse a mais bonita entre todas aquelas flores que davam vida àquela pequena praça.

Foi um romance curto, porém intenso, que terminou de forma trágica. Quando Juliano soube que seria pai, enlouqueceu. Foi mandado pelos pais para Ouro do Monte, capital do estado, onde ficaria internado em um hospício durante vinte anos e morreria estrangulado por um louco amigo seu.

A gravidez de Norma fez os santa-joana-darquenses questionarem:

— Quem é o pai?

Mas não obtiveram resposta.

Padre Teófilo, como sempre, fez o seu teatro, questionou a moralidade da professora. Era tal pessoa que os santa-joana-darquenses de bem queriam que educasse os seus filhos?

Na fazenda da liberal família Pacheco, nasceu Benjamin. Os pais de Norma conheciam bem a teimosia da filha e desistiram logo de saber quem era o pai da criança.

Os traços do menino eram idênticos aos da mãe: traços delicados. Assim como Norma, tinha narizinho afilado, cabelos lisos e louros. Mas os olhos não eram verdes, como os dela, eram azuis, um azul límpido, claríssimo. Se a beleza é um dom, Benjamin nascera com ele. E, apesar da campanha que o padre fazia contra aquela criança, fruto da lascívia demoníaca de uma mulher desavergonhada e ateia, não havia quem resistisse a tanta beleza. Desde muito cedo, extremamente sedutor, Benjamin arrancava sorrisos por onde passava. E, assim, o padre teve de reconhecer a derrota, calou-se quanto ao caso, e os santa-joana-darquenses esqueceram o ocorrido.

1975

TODOS OS SÁBADOS, às duas horas da tarde, a igreja de Santa Joana d'Arc ficava repleta de crianças. Nessas ocasiões, padre Teófilo ensinava-lhes como ser bons católicos, contava-lhes as histórias da Bíblia e, com júbilo e fervor, a história da padroeira da cidade. O padre também gostava de descrever, com minúcias, as torturas sofridas pelas almas no inferno. Padre Teófilo deleitava-se com o terror nos olhinhos das crianças. Além disso, nunca se esquecia e nem se cansava de contar-lhes a história daquela cidade, antigo distrito do município de Santa Terezinha, situada no estado de Rio Minas, emancipada em 1925, quando um padre francês, muito influente e respeitado na região, sugerira que a chamassem de cidade de Santa Joana d'Arc.

Padre Teófilo, de costas para as crianças, olhava, embevecido, para a imagem de Santa Joana d'Arc, vestida numa armadura reluzente de ouro puro. E, após conter a emoção, virava-se e, finalmente, iniciava a oração que encerrava aquele encontro semanal.

Benjamin e Nicolau, apesar de já adolescentes, continuavam a frequentar as reuniões de sábado. Padre Teófilo tinha um carinho especial pelos dois garotos. Apesar de serem eles frutos do ventre de pecadoras, tinham um lugar especial no coração do padre, que, com

toda a sua verborragia católica, tentava fazer deles homens tementes a Deus.

— Se não seguirem o meu exemplo, quero realizar os casamentos de vocês e, se o Senhor assim permitir, batizar seus filhos — disse o padre aos garotos, com afeição.

Olhou-os, com ar paternal, e pensou: “Como dois anjos como estes meninos podem ter nascido de pecadoras como aquelas? É, Teófilo, Deus escreve certo por linhas tortas. Pior seria se tivessem nascido dois demônios. É, Deus é severo, porém generoso. Tento ser como Ele. Obrigado, Senhor, por esta missão árdua, porém gratificante. Ao ver estes dois garotos tão tementes a Deus, sinto-me recompensado e reafirmo a minha certeza de que estou no caminho certo”.

UMA MANHÃ, A esposa do ex-prefeito Anacleto entrou no quarto do marido e percebeu que ele não mais respirava. Lá estava aquele homem negro e gordo, totalmente nu e sozinho em sua enorme cama. O quarto, sem luxo, sem beleza, era o lugar mais feio e sombrio da casa, o fedor do sofrimento impregnava as paredes.

A ex-primeira-dama da cidade de Santa Joana d’Arc, enquanto olhava para o imenso e frio corpo sem vida do marido, suspirou, aliviada. Antes de tomar as providências necessárias, dirigiu-se ao quarto do filho para lhe dar a notícia. Entrou, sem bater, e ficou, por algum tempo, parada, enquanto olhava para o negro e desnudo corpo do garoto de catorze anos que dormia. Os fundos olhinhos de serpente da mulher brilharam. Seu corpo franzino e desengonçado aproximou-se da cama. E sua face pálida e encovada abaixou-se em direção ao rosto do garoto. A mulher fechou os olhos, enquanto sentia-lhe o cheiro. Mas logo se afastou, arrependida de sua fraqueza.

Sua voz seca acordou o garoto:

— Nicolau!

Ele, então, abriu os olhos, sonolento.

— Seu pai morreu — ela disse e saiu.

Nicolau sentou-se na cama. Os pés tocaram o chão frio, e um arrepio percorreu o corpo do garoto.

A CIDADE PAROU em função da morte de Anacleto. Naquele dia, foi necessária a ajuda de muitas pessoas, que se uniram para fazer o caixão, para limpar e carregar o corpo de Anacleto, para cavar sua enorme cova. Não conseguiram, porém, vestir o ex-prefeito, pois não havia roupas que coubessem naquele monstro; então, cobriram-lhe o corpo com lençóis apenas. Na verdade, era desnecessário cobri-lo, as dobras da pele escondiam seu sexo, nada se via além de dobras e mais dobras.

Havia muitos anos que Anacleto não saía de casa, que não saía de sua enorme cama. Para tirar o corpo do ex-prefeito, precisaram quebrar a parede do quarto. Anacleto foi colocado num caixão de proporções colossais estacionado do lado de fora.

Não houve velório, o corpo saiu do quarto direto para o cemitério, onde padre Teófilo rezou uma missa.

Enterrado o ex-prefeito, todos cansados, foram dormir.

NA NOITE SEGUINTE à morte do ex-prefeito Anacleto, houve muito terror no convento de Santa Joana d'Arc. Ao se deitar, Maria da Conceição começou a sentir-se mal. Uma dor muito forte invadiu o seu peito, e ela não conseguiu reprimir um grito que atravessou as paredes do convento e se fez ouvir em toda a cidade. As irmãs foram em seu socorro e ficaram horrorizadas com o que viram. Maria da Conceição tinha o rosto transfigurado, parecia outra pessoa. A febre invadiu-lhe repentinamente o corpo franzino, e ela começou a delirar.

— Sai de cima de mim — ela gemia. — Estou sufocando!

As irmãs, desesperadas, olhavam impotentes, sem saber o que fazer. O pálido rosto de Maria da Conceição foi arroxando, e seus olhos saltavam das órbitas. Não demorou muito, logo Maria da Conceição estava morta.

— Louvado seja o Senhor Jesus Cristo! — disse a madre.

As irmãs ali presentes responderam, em uníssono:

— Para sempre seja louvado!

NO CAMINHO DO riacho, na poeirenta estradinha de chão, os dois amigos seguiam, em silêncio. O sol escaldante queimava-lhes as costas nuas, chinelos protegiam-lhes os pés. O suor escorria pelos corpos adolescentes, em que a virilidade já se fazia presente. Suas formas não eram mais de crianças, viam-se neles as marcas da natureza. Catorze anos. Corpos em maturação, espíritos impregnados de infância.

Nicolau agarrou o amigo por trás e derrubou-o no chão. Pegado de surpresa, Benjamin caiu quase sem reação. Mas não deixou barato. Correu atrás do outro e tentou também derrubá-lo. No entanto, Nicolau resistiu. Rindo sempre, os amigos insistiram naquela brincadeira. Até que, finalmente, Benjamin conseguiu derrubar seu adversário; mas não conseguiu evitar a própria queda, que o pôs sobre ele. Por alguns segundos, permaneceram assim: os corpos suados e palpitantes um sobre o outro, os olhares assustados que não se afastavam, as respirações que se misturavam, lábios que se atraíam, mas não se tocavam. Nicolau reagiu, empurrou o amigo que estava sobre ele e, rindo, meio sem graça:

— Desgraçado, conseguiu me derrubar, hein?

— Sempre consigo — disse o outro, enquanto tentava disfarçar o embaraço. — Você nunca

consegue me vencer. Só quando trapaceia, só quando me pega de surpresa.

— Quem chegar por último é a mulher do padre — gritou Nicolau e saiu em disparada.

Benjamin logo o alcançou. E provocou:

— Você... vai perder! Está preparado... pra ser a mulherzinha... do padre Teófilo?

Ao chegarem à beira do riacho, despiram-se às pressas e entraram na água.

BENJAMIN E NICOLAU, completamente nus, saíram da água e sentaram-se à beira do riacho. Ficaram ali, calados, olhos fixos na água turva.

Em dias quentes como aquele, era o melhor lugar para se ir além da sorveteria do Alfredo. Era um lugar calmo. Apenas o murmúrio da água, o farfalhar de folhas, um ou outro animal. Era um lugar divino, apesar de amaldiçoado por padre Teófilo. Dizia este que ali era o recanto do demônio; onde, com sua nua pele vermelha, o maldito se refestelava e se refrescava junto a suas seiscentas e sessenta e seis meretrizes. O povo tinha medo de lá, ninguém tinha a ousadia dos dois meninos. Verdade seja dita, a curiosidade estimulava a imaginação daquela gente. Ver o demônio em pessoa copular com suas meretrizes, atravessá-las com seu pênis colossal, muitas vezes fazia algumas pessoas atreverem-se a pensar na possibilidade de irem até o riacho para ver tão bizarra cena; mas o medo que tinham de padre Teófilo era maior do que o medo que lhes causava o demônio.

As histórias de Padre Teófilo aterrorizavam a maioria daquela gente. Mas, para aqueles dois garotos, tudo o que saía da boca do padre fazia rir. Os meninos continham-se tanto durante as missas que, por sufocar o riso, disparavam a chorar. As lágrimas eram confundidas com

devoção. Caíram assim nas graças do padre, que os chamava de: “Meus queridos discípulos!”. Sim, padre Teófilo queria transformá-los em padres. Volta e meia arrumava-lhes vagas em seminários; mas os meninos resistiam, diziam não ter vocação para o sacerdócio, diziam ter a sina dos pecadores: casar e ter muitos filhos. O padre ficava chateado; mas logo um olhar de pai compassivo tomava aqueles olhos, coisa que só Benjamin e Nicolau tinham a proeza de fazer. Mas o padre não desistia. E os meninos continuavam resistindo e se divertindo com as histórias dele.

— Nicolau — disse Benjamin, sério — não será aquilo ali a ponta do rabo do capeta? Olha bem, se olhar com muita atenção, verá que estou certo.

— Eu realmente vejo algo, só não sei se é o rabo ou o cacete do diabo.

Benjamin disparou a rir.

— Pobre padre Teófilo — disse Nicolau, sorrindo. — Ficou louco de tanto ler a Bíblia. Se tivesse seguido a carreira circense, hoje seria rico, o palhaço mais famoso do mundo.

— Ali! — Apontou Benjamin. — Oh, desculpa. Enganei-me. Pensei ter visto os melões de uma das meretrizes do cão.

— Ah, que pena! Estou a fim de chupar uns peitinhos; no caso, uns peitões.

Silêncio.

— Você já chupou os peitinhos da Joana? — perguntou Benjamin.

— Ela ainda não deixou. Mas continuo insistindo. Pegar eu já peguei. E você e a Camila?

— O que tem?

— Já aconteceu alguma coisa?

— Não tenho nada com a Camila.

Nicolau mostrou-se hesitante. Por fim:

— Se eu te disser uma coisa, promete não ficar zangado?

— Fala.

— É que a Joana disse que a Camila disse que você é viado.

Benjamin ficou vermelho.

— Não sou viado!

— Eu sei que você não é. Foi a Camila que falou.

Benjamin deixou cair uma lágrima de raiva; enxugou-a com as costas da mão.

— Eu não sou viado. Só não quis beijá-la.

— Esquece. Ela é que é uma puta.

— Ela deve ter mau hálito.

— É mesmo — disse Nicolau, sorrindo.

Depois de um breve silêncio, os dois dispararam a rir.

OS DOIS ADOLESCENTES estavam voltando do riacho. Sozinhos, na estradinha de chão, silenciosos, caminhavam. Nicolau, à frente, pensativo, como sempre. O outro, atrás, os olhos percorrendo, com prazer, as costas nuas do amigo.

Um momento único, um momento de descoberta, um momento de decisão e coragem. Benjamin agarrou o amigo por trás, beijou-lhe a nuca. Nicolau desvencilhou-se e olhou para o outro, surpreso.

— Eu te amo — disse Benjamin.

Nicolau tentou, desesperadamente, encontrar algo sensato para dizer. Mas seu sentimento, um misto de raiva e medo, trouxe o silêncio e a fuga. Nicolau correu, deixou o amigo sozinho. Nicolau correu, tentava fugir de si mesmo.

Benjamin sentou-se à beira da estradinha. As lágrimas insistiam em brotar de seus belos olhos azuis.

— Eu sou um viado de merda! É o que eu sou. Um viado de merda!

Levantou-se, então, e seguiu pela estradinha. Tentou erguer a cabeça; mas ainda não podia.

DE MANHÃ, PELA primeira vez, os dois amigos foram para o colégio sem a companhia um do outro. Na mesma sala de aula, sequer se olharam. No intervalo, cada um foi para um lado, evitaram-se.

Na saída do colégio, Nicolau estava apressado.

— Nicolau! — Benjamin gritou; mas não obteve resposta.

Benjamin, então, correu e alcançou-o.

— Nicolau, precisamos conversar — disse Benjamin, às suas costas.

E como Nicolau não respondia, Benjamin ousou tocar em seu ombro:

— Espera.

Nicolau voltou-se com violência. Encarou o outro, com raiva:

— Tira essa mão nojenta de cima de mim, seu viado filho de uma puta!

Benjamin, surpreendido com tamanha violência, ficou lívido. Nunca vira Nicolau assim antes.

— Precisamos conversar — tartamudeou.

— Não temos nada o que conversar.

Nicolau virou-lhe as costas e seguiu, apressado, o seu caminho.

Benjamin resolveu insistir. Alcançou-o e, novamente, tocou-lhe o ombro. Logo, então,

sentiu o punho do outro em seu rosto. Caiu. Agora também sentia muita raiva. Levantou-se. E os dois atracaram-se em violenta luta corporal, que só cessou quando foram apartados. Os dois sentiram o gosto de sangue na boca. Benjamin foi o primeiro a desvencilhar-se das mãos que o seguravam. Pegou a bolsa com o material escolar, caída ali no chão, e seguiu rumo à sua casa.

ERA FINAL DE tarde quando Norma bateu à porta do quarto do filho e entrou.

— Benjamin, tem alguém querendo falar com você.

Benjamin, deitado na cama, ficou em silêncio, enquanto fingia ler um livro.

Nicolau entrou, todo sem jeito.

Os dois traziam em seus rostos as marcas da briga.

Norma saiu e fechou a porta.

— Estou aqui pra te pedir desculpa — disse Nicolau ao amigo. — Sei que agi errado. Você não merecia ser tratado como...

— Um viado filho de uma puta? — completou Benjamin e baixou o livro.

— Olha, Benjamin, fiquei assustado. Senti muita raiva.

— Eu percebi — resmungou Benjamin, magoado.

— Mas eu estava com raiva era de mim mesmo. Raiva de sentir por você o que você sente por mim.

— Quer dizer que você também...

— Eu também te amo, mas...

Nicolau sentou-se na beira da cama.

— Soube há pouco que Joana está esperando um filho meu — disse Nicolau. E, com firmeza: — Decidi me casar com ela.

— Mas você só pegou nos peitinhos dela.

— Eu menti.

— Mas...

— Já decidi. É o que eu devo fazer.

— E nós?

— Você sabe que isso é errado. O padre Teófilo já disse que pederastas queimam no inferno, que... A gente não deve. Não é certo.

— A noite passada eu tive um sonho... Nós éramos dois velhos e estávamos sobre um penhasco. O vento soprava forte. As ondas estavam agitadas. Você segurava a minha mão. Apesar da violência do mar, apesar da altura do penhasco, eu estava feliz, eu estava em paz... porque eu estava com você.

Nicolau, muito sério:

— Eu tive o mesmo sonho.

O rosto de Benjamin iluminou-se.

— É um sinal! Nós temos que ficar juntos.

— Não, Benjamin, é errado.

— NÃO TENHO EXPLICAÇÕES, mãe — disse Benjamin. — E não estou preocupado com isso. Sei que sou diferente, sempre fui. Mas isso não me incomodava, pois eu tinha Nicolau do meu lado. A presença dele fazia tudo ter sentido. Eu não sentia medo, como sinto agora. Tudo estava certo, como deveria ser. Mas aí ele decide se casar. Não era pra acontecer isso, mãe. Não era pra ser assim. Algo deu errado, e não sei o que é.

— Benjamin, o fim do primeiro amor é o mais doloroso. Parece que um pedaço de nós é tirado. Sentimos que não podemos continuar a viver, a vida perde o sentido. No entanto, mais cedo ou mais tarde, a verdade revela-se dentro de nós. Descobrimos que a vida pode continuar, que podemos até nos apaixonar de novo por outras pessoas.

— Você não pode entender, ninguém pode entender. O que eu sinto não é nada parecido com o que os outros sentem. É especial. Nicolau não é só o meu primeiro amor, ele é o meu único amor.

Norma, paciente, não quis retrucar. Conhecia bem a arrogância dos jovens; cada um deles supunha ser único e especial. E também sabia que as ilusões se desvanecem no decorrer da vida.

— Tudo bem. Mas vamos ter que dar um jeitinho nisso, não é, rapaz? Você não pode continuar do jeito que está. Não vai mais ao colégio, não sai de casa. Sei que está triste e infeliz; mas a vida está aí, meu querido, pra ser vivida.

— Não quero mais viver esta droga de vida!

— Prefere ficar aqui, trancado dentro deste quarto, deitado numa cama, pensando em como seria?

— Não, pretendo morrer.

— Ah... é mesmo? E o dia em que Nicolau aceitar que você é o amor da vida dele e for procurar por você, onde te encontrará?

Ao ver o brilho nos olhos de Benjamin, Norma chegou a arrepender-se do que dissera. Iludi-lo ainda mais não era a melhor forma de ajudá-lo. Mas, por outro lado, não podia mais vê-lo sofrer.

— Você acha mesmo, mãe?

— Meu filho — ela tentou amenizar, — pode ser que a história entre vocês dois não tenha acabado ainda de fato, não é mesmo? Quem pode prever o dia de amanhã?

— Talvez você esteja certa — disse ele, depois de refletir um pouco.

— Mas não se esqueça de uma coisa: você é o amor da minha vida, e eu não quero que você sofra, muito menos que você morra.

Benjamin esboçou um leve sorriso, um dos poucos desde o dia em que Nicolau anunciara o casamento.

— Eu também te amo, mãe.

— Eu estava pensando, meu filho, se não seria melhor a gente se mudar. Temos uma casa em Ouro do Monte. Vamos embora daqui. Já estou cansada desta cidadezinha retrógrada. Eu já devia ter me mudado há muito tempo. Não sei por que vivi tanto tempo aqui.

— E Nicolau?

— Ele vai te encontrar, se ele quiser.

A preocupação e a tristeza dançavam nos olhos de Benjamin.

— Se ficarmos aqui, você vai sofrer muito mais, meu filho.

Benjamin ficou pensativo. E depois:

— Você está certa — falou. — Vamos embora, mãe.

— Muito bem, meu filho. Seja forte, eu estou com você.

— Mãe.

— O que foi?

— Você está muito decepcionada comigo?

— Por quê?

— Não está triste por ter um filho viado?

— Vou te dizer uma coisa, meu filho, se você continuar a se depreciar assim, vou fazer algo que

nunca fiz antes: dar uma bela surra em você. Nunca esperei que você fosse deste ou daquele jeito. Sempre quis que você fosse feliz. Feliz! Mas o caminho da felicidade só você pode descobrir. Eu só posso te dar apoio. Eu te amo como você é.

Norma não sabia ao certo se tudo aquilo que dizia era realmente sincero. Nunca fora preconceituosa. Mas, no fundo do seu coração, algo a incomodava. Talvez fosse preocupação, sabia que o filho teria de enfrentar meio mundo para ser quem era, teria de pagar um preço, talvez alto demais. Mas não quis expor suas inquietações. Afinal, ela era mãe, tinha de passar confiança.

— Você sente vergonha de mim? — Benjamin perguntou-lhe.

— Claro que não! Não tenho por que sentir vergonha de você. Muito pelo contrário.

— Pensei que você queria se mudar pra Ouro do Monte porque estava com medo do que os outros vão pensar se souberem que eu...

— Acho que você não conhece a mãe que tem. E eu sou mulher de correr de briga? Quantas vezes você já me viu enfrentando esse povo todo, inclusive aquele padreco?

— Até perdi a conta — falou Benjamin, sorrindo.

— Então, que ideia idiota!

— Calma, mãe. Desculpa. Foi besteira minha pensar isso.

Silêncio.

— Nesta vida, meu filho — disse Norma, — a gente tem que andar de cabeça erguida, lutar pelos nossos direitos e, se possível, pelos direitos dos outros, daqueles que não sabem lutar. Nunca se esqueça disso.

— Não vou me esquecer.

— Então, levanta dessa cama, e vamos começar a arrumar as coisas pra mudança.

Alguns dias depois, eles partiram.

Quando soube disso, Nicolau buscou a solidão do riacho e chorou.

— Eu preciso te esquecer, Benjamin.

MORAVAM NA CASA dos pais de Joana. Mas tal situação não podia perdurar pela vida toda. Mais cedo ou mais tarde, ele teria de tomar uma atitude.

Precisava arrumar um emprego e sustentar a família. Mas, e os estudos? Não podia parar. De repente, a vida exigia tanto dele!

Nicolau não tinha a mínima ideia de como começar. Fazer o quê? Não sabia fazer nada. Era muito jovem, precisava de mais tempo.

A única solução era ir embora para a capital. Mas como ficaria Joana? E a criança?

José nasceu no final daquele ano.

— Vou pra Ouro do Monte — disse Nicolau, decidido, no dia em que o filho nasceu.

— Vai fazer o que lá? — indagou a jovem esposa.

— Procurar emprego. Aqui não tem nada pra mim.

— E o que eu faço?

— Espera. Assim que eu puder, venho buscar você e o nosso filho.

Joana parecia estar apenas esperando a decisão do marido para lhe propor:

— Meu pai me deu uma casa lá em Ouro do Monte. A gente vai morar lá.

E assim foi.

1985

QUANDO BENJAMIN ENTROU na livraria em que Nicolau estava lançando o seu segundo livro, houve uma grande agitação. Todas as atenções foram desviadas de Nicolau para se concentrarem sobre Benjamin. As mulheres, agitadas, queriam beijos e autógrafos. Os homens faziam comentários entre si. Os fotógrafos gastaram muitos *flashes* para fotografar o belo Benjamin Pacheco, ator e galã.

Depois de dar atenção e autógrafos às suas fãs, ser gentil também com a imprensa, Benjamin aproximou-se de Nicolau. Este terminou de autografar um livro, encarou Benjamin e sorriu, o coração disparado:

— Obrigado por tornar a minha noite de autógrafos um grande sucesso. Amanhã, todos vão falar de mim, por sua causa.

— Não seja modesto. Vão falar de você porque seu livro é muito bom.

— Não faça elogios antes de lê-lo.

Benjamin sorriu.

— O seu primeiro livro é muito bom. E quem escreve um livro como aquele não pode nunca escrever algo ruim.

— Obrigado.

Ficaram em silêncio, os olhos de um fixos nos do outro. Até que um homem se aproximou e sussurrou algo ao ouvido de Nicolau.

— Parece que preciso dar atenção a outras pessoas além de você.

— Oh, é mesmo. Mas, primeiro, autografa o meu livro.

Benjamin entregou-lhe o livro. E Nicolau autografou-o, com a seguinte dedicatória: “Ao meu eterno amigo, com toda a felicidade do meu coração. Nicolau Silva”.

Benjamin leu, agradeceu com um sorriso emocionado e estendeu a mão para o outro, em despedida.

Nicolau apertou-lhe a mão, com força. E depois:

— Benjamin — disse-lhe, hesitante — eu queria sair com você...

— Eu também.

Joana olhava de longe, um drinque nas mãos. Observava, atentamente, a reação dos dois. E o ciúme maltratava-a.

O BRILHO DOS olhos de Nicolau a boca de pele sensível muito vermelha de Benjamin boca que parece coberta por uma leve pele de fruta frágil fácil de se romper que pede para ser rompida os lábios de Nicolau sugam a fruta doce que são os lábios de Benjamin um desejo louco de mordê-los de sangrá-los o autocontrole do homem diante do desejo animal Nicolau beija o pescoço tão liso lambe sente a língua de Benjamin em seu ouvido a respiração sensual desejosa excitante Benjamin lambe seu rosto enfia a língua em sua boca tem fome com uma vontade que é quase insaciável os braços fortes de Nicolau com suas veias grossas aguçadas pelo desejo a mão forte segura a cabeça do outro domina-o instintivamente como se isso fosse necessário como se o beijo não fosse permitido o sexo é uma encenação que não precisa de ensaio e os dois amantes atuam com magistral desejo por um momento Benjamin sente-se trêmulo quase a desmaiar mas é tudo parte daquela linda encenação recupera-se com mais fôlego com mais desejo arranca a camisa de Nicolau tira a própria camisa a língua incansável as narinas buscam o cheiro da pele de homem o suor se mistura à saliva os olhos reviram-se numa loucura sana o desejo aumenta estão nus parece que vão explodir agora mas eles sabem que devem se conter que devem acumular que devem

deixar tudo para um final espetacular sabem que o melhor do orgasmo é esperar por ele é preparar sua chegada e é com braços fortes que Nicolau segura o outro diante de si os dois se olham as bocas se encontram de novo vontade de comer um ao outro como canibais de ter para sempre o outro dentro de si o desejo é mesmo irracional o desejo deseja o impossível e na busca do impossível Nicolau agarra Benjamin por trás aí a pele do outro é tão branca tão macia tão lisa os ombros largos ombros másculos as costas ossudas que tesão Nicolau tem o pau duro a roçar molhado a bunda de Benjamin que parece enlouquecer ao sentir o contato do pau de veias grossas Benjamin geme Nicolau gosta de provocar o seu desejo por que me faz sofrer Nicolau por que não alivia meu desejo me penetra com força me machuca tira de mim a dor que sinto ao desejar tanto pois o desejo chega a ser dor de tanto que é forte de tanto que pede mas é uma dor que não é dor Nicolau posterga a penetração prefere sentir o gosto da pele do outro joga-o sobre a cama desliza sua língua sobre as costas lisas e brancas a saliva é produzida incessantemente e mistura-se ao suor da pele branca e o rosto suado de Nicolau escorrega no corpo de Benjamin a língua sedenta encontra a bunda de Benjamin bunda tão masculina e por

isso tão desejada Benjamin se põe de quatro geme de vontade antegoza Nicolau morde aquela bunda levemente mas seu desejo pede sangue ele beija ele lambe e seu desejo de machucar é refreado pelo seu desejo de preservar o outro pois o amor não permite a supremacia do egoísmo e com mãos fortes dedos longos Nicolau abre caminho o cu vermelho sedento e Nicolau mergulha seu rosto grande sua língua grossa no cu do outro e lambe e cheira sua língua penetra o quanto pode num movimento alucinado Benjamin tem os olhos lacrimejantes de gozo como é bom sentir aquela língua em seu cu é um prazer tão intenso tão delicioso não há como evitar os gemidos e diante dos gemidos do outro Nicolau fica ainda mais excitado afasta o rosto e substitui a língua pelos dedos a saliva de Nicolau misturada ao suor de Benjamin escorre pelo cu e Nicolau imagina sua porra abundante a escorrer por ali isso é tão excitante vontade de invadir penetrar com força e sem dó uma vontade louca de dizer palavras chulas de dizer que o seu cu Benjamin é delicioso eu quero te comer eu quero te foder cara e Benjamin ouve tudo aquilo com arrepios enquanto os dedos de Nicolau o invadem com carinho o abrem aos poucos mas Benjamin deixa de lado aquela posição passiva e com seus braços fortes empurra o outro sobre a cama e sua boca

muito vermelha chupa o pau de Nicolau com cuidado para não machucar com seus dentes que pedem uma mordida fatal ah como Nicolau gosta de ser chupado e só um homem sabe chupar outro homem só um homem sabe como deve ser feito só um homem e Benjamin suga a cabeça do pau passa a língua explora toda a glande enquanto Nicolau geme e murmura imoral chupa meu cacete cara engole meu cacete cara eu quero gozar na sua boca eu quero minha porra na sua boca não existe censura existe desejo prazer loucura e enquanto Nicolau fala Benjamin imagina a porra saindo abundante do pau do outro e aquilo o deixa louco apesar da excitação eles ainda conseguem se controlar há todo um mundo racional misturado àquela loucura dos sentidos não podem mais esperar Benjamin põe-se sobre o outro com Nicolau entre suas pernas abertas senta-se sobre o pau duro que vai penetrando aos poucos seu cu pronto para receber o pau negro colossal cheio de veias sente-se preenchido fecha os olhos com prazer abre os olhos para ver o deleite no rosto de Nicolau e fica ainda mais excitado Nicolau continua dizendo um monte de obscenidades que se misturam aos gemidos de Benjamin e os olhos de Nicolau brilham diante do peito liso sem pelos másculo num movimento brusco Nicolau vira Benjamin de lado ainda com o

pau dentro dele e em outro movimento põe-se sobre o outro alisa as coxas duras de Benjamin ajeita o encaixe Benjamin sorri um sorriso safado e se masturba enquanto Nicolau segura suas pernas e parece querer atravessá-lo enquanto provoca-lhe deliciosos gemidos Nicolau tira o pau de dentro de Benjamin fica de quatro meu bem Benjamin está de quatro se dá ao outro com uma vontade louca me fode Nicolau me fode e Benjamin entra no jogo de obscenidades do outro e Nicolau enfia o pau em Benjamin com força como se o cu fosse infinito Benjamin geme Nicolau parece um garanhão impiedoso a quem Benjamin se dá com vontade mas Benjamin quer também outro tipo de prazer tenta afastar-se tirar o pau do outro de dentro de si mas Nicolau o segura pela cintura não deixa mas Benjamin insiste e Nicolau cede Benjamin beija a boca de Nicolau agora com mais carinho do que com desejo o pau branco duro vermelho Benjamin eu nunca... nunca foi penetrado confia em mim Nicolau e ele confia em Benjamin confia mais nele do que em si mesmo e ao sentir a língua de Benjamin em seu cu geme cheio de prazer confia em Benjamin ele jamais o machucaria a cabeça do pau de Benjamin roça seu cu o pau duro entra aos poucos Nicolau de quatro a respiração tensa no início uma leve dor mas Benjamin é carinhoso

depois a ausência de dor a sensação de prazer está sendo desvirginado pelo amor da sua vida pelo único homem a quem já amou Benjamin é delicado faz movimentos leves é tão carinhoso compreende que Nicolau está sendo penetrado pela primeira vez compreende que deve ser cuidadoso com seu amante a visão turva e mesmo sem se masturbar Nicolau goza tão intensamente e deixa-se cair sobre a cama mas Benjamin sussurra ao seu ouvido para que ele se vire Nicolau atende ao pedido do outro Benjamin acaricia com a mão esquerda o pau de Nicolau e com a mão direita Benjamin se masturba os olhos fechados excitado com o cheiro de esperma e Nicolau emite um sorriso carinhoso ao olhar para o rosto de Benjamin um rosto lindo que se contorce de prazer ah um rosto amado Nicolau pede com sua voz grave e doce rouca goza goza goza e Benjamin geme e seus olhos derramam lágrimas ao mesmo tempo em que seu pau expele o gozo grosso Benjamin exausto deita-se sobre o corpo do outro e os dois ficam em silêncio não há nada o que dizer são compatíveis sexualmente são compatíveis em todos os sentidos harmonia de corpos e de almas mas não racionalizam isso não percebem racionalmente a importância disso pois nunca pensaram que pudessem ser de alguma forma incompatíveis nunca pois o desejo

que sentiam estava além de uma penetração o amor que sentiam estava além do sexo mas já que podiam fazê-lo juntos muito melhor perfeito perfeito gozo perfeito.

BENJAMIN E NICOLAU acordaram de manhã, compartilhando do mesmo desejo. E fizeram sexo mais uma vez.

Após o sexo, ficaram em silêncio, deitados na cama, enquanto olhavam para o teto e pensavam no quanto estavam felizes.

— O dia em que você foi embora de Santa Joana d’Arc — disse Nicolau — foi o pior dia da minha vida.

— Você fez a sua escolha.

— Mas ainda temos muito tempo pra viver o nosso amor.

— Então, quer dizer que não foi só uma noite — falou Benjamin, aliviado. — Cara, nunca me senti tão feliz. Tudo que eu quero é ter você comigo.

— Nunca mais nos separaremos. Nunca mais.

— Eu esperei tanto por isso. Eu sonhei tanto com isso. — O rosto de Benjamin anuviou-se. — Mas, pelo que eu sei, você ainda continua casado com Joana.

— É — disse Nicolau, com tristeza. — Mas nosso casamento já acabou faz tempo. Só estamos juntos por causa do nosso filho.

— Você não a ama mais?

— Não. Quem eu amo mesmo é você.

— Então, por que continua com ela?

— Ela é a mãe do meu filho. Eu amo muito o meu filho. É por causa dele que eu...

— Quer dizer que vamos ter que nos encontrar às escondidas.

— Sim. Por enquanto, sim.

Benjamin não conseguiu disfarçar a decepção.

— Não fique assim, amor — pediu Nicolau. — Não podemos agir sem pensar.

Silêncio.

— Você não tem ninguém, Benjamin?

— Não.

— Não é o que dizem as revistas.

— Oh, um escritor sério lendo revistinhas fúteis de fofoca.

— Eu precisava me informar sobre você.

— Nunca tive nada com aquelas mulheres.

— Duvido.

— Nunca, em toda a minha vida, fiz sexo com uma mulher.

Silêncio.

— Posso ser fiel — disse Nicolau. — Serei fiel a você.

— Não sei se vou suportar saber que você e sua mulher...

— Não temos mais esse tipo de relação faz tempo. Agora, será só você. Confia em mim.

— Está certo. Não tenho por que desconfiar. Você sempre foi sincero comigo. E está sendo agora.

— Só não fui sincero comigo mesmo. Neguei o meu desejo. Achava que era algo errado, um pecado. Acho que foi a influência do padre Teófilo.

— Talvez eu também agisse assim não fosse o carinho de minha mãe.

— E como está ela?

— Muito bem.

— Tenho saudade da Norma.

— Ela gostou muito do seu primeiro livro.

— Espero que goste do segundo também.

— Pode ter certeza.

— Benjamin.

— O que foi?

— Você é lindo!

E os dois se beijaram.

JOANA, COMO INÚMERAS pessoas apaixonadas, experimentava os desagradáveis sentimentos que nos desperta a traição daqueles a quem amamos. Ela sentia raiva, muita raiva, desejava que Nicolau sofresse, que sofresse muito. Ela sentia medo, muito medo, temia que Nicolau a abandonasse, tinha medo da solidão, de ficar sozinha para sempre. Ela sentia inveja, queria estar na posição do marido, ser o traidor, não a pessoa traída.

Aceitar a sua realidade conjugal não fora fácil. Vira o marido se afastar, sentira a dor da rejeição. No início, protestara, fizera exigências. Mas, ao perceber que podia perdê-lo, decidira se calar. Toda a sua agressividade voltara-se contra si própria. Joana não possuía mais a beleza de dez anos atrás, quando se casara apaixonada e iludida, estava gorda e não sabia mais viver sem o seu maior companheiro, o álcool.

— Seu filho chamou por você durante toda a noite — disse ela, assim que o marido entrou em casa, chegando de sua primeira noite de amor com Benjamin.

Ela estava sempre com um copo na mão.

— Enquanto você se divertia com um vagabundo ou uma vagabunda qualquer, seu filho chamava por você.

— Do que está falando?

— José teve aquele pesadelo outra vez.

O filho, às vezes, sonhava que o pai tinha morrido. Em cada sonho, o pai morria de forma diferente.

— Dessa vez, parece que te arrancaram a cabeça. — Ela riu. — Que pena que não tenho sonhos tão agradáveis.

Nicolau lançou-lhe um olhar de desprezo:

— Você a cada dia se torna mais repugnante.

As lágrimas escorreram pelo rosto corado pelo álcool. Sentia que o marido se referia à sua aparência. E isso a humilhava. Já não se sentia mais atraente, era a mais frágil das mulheres.

— Devo mesmo ser muito repugnante. Faz muito tempo que não sei o que é o calor de um homem.

Nicolau arrependeu-se do que dissera, sentiu culpa.

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Claro que não.

— Desculpa.

Joana soltou uma gargalhada rouca.

— Se se sente melhor, está desculpado. Por tudo, inclusive por rejeitar este meu corpo repugnante.

— Você está bêbada.

Joana soltou outra gargalhada.

— Conta uma novidade, por favor.

Nicolau respirou fundo.

— Já devíamos ter nos separado há muito tempo.

— Quando você quiser.

— Mas quero ficar com José.

Ela lançou-lhe um sorriso mordaz:

— Meu filho ficará comigo. E você nunca mais o verá.

— Por que você faz isso? Você não tem condições de cuidar dele. Será que não pensa no bem-estar do menino? Você não consegue cuidar nem de si mesma!

— Não vou deixar meu filho nas mãos de um depravado feito você.

— Eu amo o meu filho e posso cuidar muito bem dele.

Ela encarou-o, com os seus olhos lacrimejantes de bêbada.

— Se depender de mim, meu filho só terá um sentimento em relação a você: o ódio.

Nicolau saiu, desesperado, uma raiva contida.

— Vai, desgraçado — disse Joana. — Vai fazer seu papel de pai exemplar. Mas não pense que vai enganar a criança. Mais cedo ou mais tarde, José vai saber quem você é. Seu depravado filho de uma puta!

E Joana desabou num choro que lhe arrancou do peito soluços amargurados. E, de repente, ela

jogou o copo contra a parede, partindo-o em mil pedaços, assim como o seu coração.

Que solidão terrível, meu Deus! Joana precisava de um companheiro, de um homem que dividisse com ela as alegrias e as tristezas, de um homem forte, que a protegesse, que a amparasse nos momentos de fraqueza. Sentia-se muito só. Estava tão carente! Cada galã de cinema fazia-a suspirar e idealizar o amor. Muitas vezes, masturbava-se, sozinha, em sua imensa cama de casal, e chegava a sentir o cheiro dos homens com quem sonhava. Um simples sorriso masculino já a fazia vibrar, sentir-se um pouco desejada. E, apesar de desejar muito encontrar o homem ideal, prendia-se a Nicolau, não conseguia viver sem ele. Estava disposta a se matar e a matá-lo; mas nunca se separar dele. Era medo de arriscar, medo de abandonar o que tinha e ficar sem nada. Se o que tinha era ruim, era melhor do que não ter nada. E era assim, imersa em desilusões, que Joana vivia. Tinha apenas vinte e quatro anos e sentia um cansaço de séculos. E desejava muito morrer.

Era egoísta? Mas quem não é? Só pensava em sua dor, era a vítima suprema. O filho era para ela apenas uma arma, um instrumento de vingança. Sabia do imenso amor entre pai e filho. Às vezes, sentia raiva do filho por ele receber

tanto amor do homem que a repudiava, do homem que não a amava da forma que ela necessitava, do homem que não queria amá-la. Joana era humana, apenas humana, como todos nós, sujeita aos avassaladores sentimentos mundanos que nos assolam em toda a nossa existência. Joana vivia inebriada, mas não só de álcool, também de sentimentos. As emoções, como uma droga, dominavam-na. Almejava um beijo, um beijo doce e apaixonado, um abraço que causasse arrepios e tirasse o fôlego. Desejava entrelaçar-se num corpo viril e protetor, ser amada, completamente amada, sufocar-se de amor correspondido, chorar de gozo, gritar de felicidade. No entanto, seu coração só abrigava a raiva, a mágoa, o medo, o ódio, a revolta. Seus olhos só viam a vida embaçada pelas lágrimas. Sua alma queimava; era mais do que paixão, era angústia.

NICOLAU ENTROU NO quarto. José estava dormindo sobre a cama de casal. Nicolau aproximou-se, sentou-se na cama e ficou olhando para o filho. José estava sereno. O menino estava com nove anos, tinha cabelos negros e lisos, a pele morena. Nicolau acariciou seu rosto. José abriu os olhos, duas imensas jabuticabas.

— Pai! — José abraçou Nicolau. — Que bom que você está aqui. Pensei que estivesse morto.

Os dois ficaram assim, por um tempo, abraçados, em silêncio. Então, Nicolau afastou o filho, com carinho, e disse, olhando em seus olhos:

— Foi só um pesadelo, querido. Já aconteceu outras vezes.

— Dessa vez, foi mais real.

O menino arregalou os olhos, olhou desconfiado para os lados e sussurrou:

— Tem um fantasma no meu quarto.

— Fantasma?

— Você não acredita em mim? — o menino perguntou, em tom magoado. Seus olhos imploravam, desesperados, a cumplicidade do pai. — Hein?

Nicolau percebeu sua aflição.

— Claro, meu filho. Eu acredito em você.

O menino respirou aliviado. Fechou os olhos e disse:

— Estou com muito medo, pai. Não me deixe mais. Preciso de você do meu lado. Por favor, pai, fica comigo.

José abraçou o pai e começou a chorar.

— Calma, filho. Eu estou aqui. Vou estar sempre do seu lado.

— É mentira! Ele me contou tudo.

— Ele... quem?

— O fantasma, pai. O fantasma disse que você vai embora, que você vai nos abandonar, que você não nos ama mais.

— Besteira, filho. Eu te amo muito, você sabe.

— E minha mãe? Promete que não vai abandoná-la, promete.

Nicolau afastou o filho e encarou-o:

— José, não minta pra mim. Foi sua mãe quem te disse essas coisas, foi ela quem te assustou assim? Hein? Responde, meu filho.

José desviou o olhar.

— Foi o fantasma — respondeu, numa voz débil. — Ele me atormenta o tempo todo, não me deixa em paz. Ele me diz tanta coisa feia. Ele é muito mau. Pai, eu tenho muito medo dele.

— Está tudo bem, meu filho. Vou te proteger, ele não te fará nenhum mal, confia em mim. Como é esse fantasma?

Ele era um menino, tinha a mesma idade de José. Mas ele era um menino muito malvado e boca-suja. Chamava Joana de puta e dizia que Nicolau era viado. Ameaçava José, dizia que ia matar seus pais, que José ficaria sozinho. Dizia que seus pais não o amavam e que ele era um estorvo na vida deles. E mais: dizia que José era um menino muito malvado, por isso ninguém gostava dele, que José ficaria sozinho, e que só ele, somente ele, o fantasma, acompanharia José pelo resto da vida.

José baixou os olhos:

— Ele disse que minha mãe é assim por minha causa.

— Assim como?

— Triste.

— Por que você acha que sua mãe é triste?

— Porque ela não ri. E chora muito.

— E você acha que a culpa é sua?

— Ele disse que é.

— Mas ele é malvado, não é?

— Muito malvado.

— Então, meu filho. Ele está mentindo pra você. Ele quer que você fique triste. Não acredite nele. Acredita em mim. Eu sou seu pai. A tristeza de sua mãe não é culpa sua.

José encarou Nicolau. Nos olhos do menino, havia um brilho diferente. Com um sinistro sorriso nos lábios, disse:

— A culpa é sua!

Saiu do quarto e deixou Nicolau perplexo e sem ação.

SEU CORPINHO DE cinquenta e dois anos causava inveja a muitas menininhas de vinte. Nunca estava só, tinha sempre um namorado a tiracolo; mas não se prendia a ninguém. Era diretora de uma escola e gostava do que fazia. Era uma mulher feliz. E, de tão forte, chegava a ser quase inatingível. Seu calcanhar de aquiles era o seu filho; para atingi-la, era só mexer com ele. Mas ele estava bem. Era um jovem galã de telenovela e, havia pouco tempo, reencontrara o seu grande amor.

— Vou preparar um almoço pra você e Nicolau — disse Norma, enquanto entrava no apartamento de Benjamin.

Benjamin abraçou a mãe, após fechar a porta do apartamento.

— Meu filho, quanto tempo a gente não se vê. — Norma beijou-o no rosto. — Aliás, eu te vejo sempre na televisão. Mas não é você, é sua personagem.

Benjamin e Norma sentaram-se no sofá.

— Temos que planejar tudo. Vou fazer aquela lasanha de que você gosta. Será que Nicolau gosta de lasanha?

— Não sei. Ele gostava. Não sei se ainda gosta.

— Pois pergunta.

— Talvez ele venha hoje à noite.

Norma ficou em silêncio, enquanto olhava para o filho e tentava decifrar-lhe o rosto.

— Ele ainda não resolveu o problema com a Joana, não é mesmo?

— Ela continua usando o filho pra prendê-lo.

— Meu filho, tem certeza de que quer continuar com isso? Já passou tanto tempo. Vocês se reencontraram, mataram a saudade. Não basta? Será que vale a pena? Você é tão bonito! Pode ter o homem que quiser.

— Amo Nicolau mais do que nunca. É com ele que quero viver, envelhecer e morrer.

— Você é tão romântico, meu filho. Não sei de quem herdou isso.

— Talvez do meu pai.

Norma sorriu.

— É, talvez. Pobrezinho... Era mesmo muito instável... Mas, me diz, então tem certeza do que quer, está disposto a enfrentar a tudo e a todos pelo seu amor?

— Por que diz isso?

— Bom, querido. Se vocês pretendem mesmo continuar juntos, mais cedo ou mais tarde, Joana vai ficar sabendo.

— Ela vai ter que se conformar.

— Mas até isso acontecer...

— Prefiro não pensar nisso agora. O importante é que Nicolau está comigo. O resto é resto.

Norma deu de ombros.

— Você é quem sabe.

— Não se preocupe, mãe. Não sou mais aquele menino frágil.

Norma abraçou o filho, enquanto dizia:

— Eu sei, meu querido, eu sei.

E Benjamin sentiu uma ponta de dúvida em relação a si mesmo.

— QUANDO ELE MORREU, foi como se eu perdesse o meu pai — disse Nicolau, referindo-se a padre Teófilo.

Estavam na sala do apartamento de Benjamin.

— Nunca gostei daquele homem — disse Norma.

— Por que, então, me deixava frequentar a igreja, mãe?

— Benjamin, pra ser sincera, não me lembro como isso começou. Sei apenas que você gostava dele; e eu não tinha o direito de interferir em seus sentimentos. Mas nunca gostei de te ver às voltas com as coisas da igreja, sob a influência daquele padre.

— Por que será que o mataram?

— Benjamin, meu filho, você é mesmo muito ingênuo. Com exceção de vocês dois, qualquer um tinha motivos pra matar aquele padreco. Ele nunca mediu as consequências de seus atos. Alguém lhe deu um freio.

— Não gosto que você fale assim, mãe.

— Está bem. Não vamos mais falar disso.

Silêncio.

— Bom — disse Norma, enquanto levantava-se do sofá em que estava sentada — acho que já está na minha hora.

— Ainda está cedo, mãe.

Norma olhou para os dois:

— Acham que não sei que querem ficar sozinhos?

Os dois homens sorriram.

Norma despediu-se de Benjamin, com um abraço e um beijo.

— Não deixe de me ligar, hein?

Abraçou Nicolau.

— Foi bom revê-lo, querido.

Assim que ficaram a sós, Benjamin e Nicolau esqueceram o mundo e entregaram-se a beijos e abraços, entregaram-se ao amor.

Após o sexo, ficaram conversando ali na cama.

— Minha sogra continua muito bonita.

— É verdade.

— É uma grande mulher. Você tem muita sorte.

— Ela me dá muito apoio.

Silêncio.

— Nicolau, algo está me incomodando.

— O que é?

— Não suporto mais dividir você com Joana.

— Já conversamos sobre isso — disse Nicolau, chateado. — Não é fácil pra mim. Você precisa ser paciente. Eu preciso do seu apoio.

— Calma — disse Benjamin. — Não fique assim. Eu só queria... Esquece. Eu só quero que fiquemos juntos, aconteça o que acontecer.

— Então, me deixa resolver isso com calma.

BENJAMIN ESTAVA SAINDO para a gravação quando o telefone tocou. Era Nicolau.

— Preciso te ver hoje à noite.

— O que foi? Sua voz está estranha.

— À noite nós conversamos.

— Eu te espero então.

Benjamin desligou o telefone.

À noite, Nicolau entrou no apartamento de Benjamin e disse:

— Joana já sabe de nós.

— E o que você pretende fazer?

— Ela ameaçou sumir com José. — Respirou fundo e desabafou: — Eu não sei o que fazer!

O telefone tocou. Era Norma.

— Joana está dando uma entrevista na televisão, não está vendo? Ela está dizendo que você e Nicolau têm um caso.

Foi o primeiro de uma série de telefonemas. Amigos, empresário, emissora e, principalmente, repórteres.

Era impossível fugir da imprensa.

Os dois negaram, negaram tudo.

Mas Joana estava, completamente, alucinada, sem controle. Um ódio feroz dominava-a.

Diante do escândalo, o pequeno José recorreu ao mutismo. Passava horas calado, imerso em um mundinho só seu.

Nicolau tentou manter o controle da situação até o momento em que percebeu que não tinha controle de nada e resolveu abrir o jogo. Assumiu sua bissexualidade e seu amor por Benjamin.

Depois das declarações de Nicolau, o país inteiro decidiu condenar Benjamin. Era um destruidor de lares, um impostor.

2001

O ANO DE 2001 era o início de um novo século. Qual a importância de tal fato? Em verdade, nenhuma. Era só mais um ano igual a qualquer outro. Mas o novo século era mais uma oportunidade de comemoração.

Benjamin e Nicolau decidiram receber os amigos em casa, um apartamento no centro da cidade de Ouro do Monte, onde residiam fazia já alguns anos, para celebrarem a chegada do século XXI. A princípio, era apenas uma oportunidade de reunir os amigos numa confraternização. Mas, à medida que os planos evoluíam, a festa foi tomando proporções inesperadas. Por fim, até a imprensa estava presente no que passou a ser chamado de “O evento”, que acabou sendo realizado em um imenso espaço para festas. Os convites, que a princípio seriam gratuitos, acabaram sendo vendidos. Toda a renda seria destinada a instituições de caridade.

Durante “O evento”, houve um concurso para eleger a personalidade feminina do século passado, com a participação de *drags* e transformistas, que trouxeram à festa: Evita Perón, Liza Minnelli, Dercy Gonçalves, Carmen Miranda, Édith Piaf, Sophia Loren, Marilyn Monroe...

Homens e mulheres em trajes de gala sorriam para os *flashes* dos fotógrafos.

Um rico empresário, que se assumira havia pouco, declarou à imprensa:

— Ser *gay* é chique.

Benjamin e Nicolau estavam com quarenta anos de idade. Benjamin continuava lindo e arrancava suspiros de homens e mulheres. Seu talento, confirmado pelo tempo e pelas dificuldades, dava-lhe uma aura de respeito e genialidade. Nicolau, consagrado como escritor, continuava com o seu aspecto másculo, a sua seriedade de costume.

O país acostumara a ver os dois em companhia de Norma. Muito benquista pelo país, fora considerada a mãe do século XX numa pesquisa realizada por um programa de televisão. Acompanhava o filho em todos os eventos; no entanto, naquela noite, estava ausente. Interrogado a respeito, Benjamin relatou o pequeno contratempo: a mãe escorregara no banheiro, quebrara um braço; estava bem, mas preferira ficar em casa para descansar.

No palco, uma cópia de Liza Minnelli cantou e dançou *New York, New York*.

Após a apresentação, o público aplaudiu e continuou seu murmúrio festivo. Os assuntos eram variados. Alguns discutiam a fome mundial,

enquanto outros tratavam de espalhar as fofocas mais recentes.

Um repórter perguntou a Nicolau o que ele achava da discriminação.

— Deve ser um crime punido por lei — respondeu.

Mais uma apresentação. Édith Piaf emocionou os presentes com *La vie en rose*. Foi aplaudida, e a festa continuou.

— O que você acha do boato de que serão eleitos o casal *gay* mais simpático do país? — perguntou uma repórter a Benjamin.

— A gente se ama — disse ele, enquanto olhava, apaixonado, para o companheiro.

A repórter ficou ruborizada.

— Ela ficou vermelha! — denunciou Nicolau.

E todos ao redor riram, inclusive a própria repórter.

Novo *show*. Carmen Miranda: “O tabuleiro da baiana tem...”. E todos se alvoroçaram, alegres, quando ela tirou camisinhas de um pequeno tabuleiro e jogou-as para o meio do público. Aplausos. Os mais jovens assoviavam. E “O evento” tornou-se, incontestavelmente, um sucesso.

Uma das últimas apresentações foi a que mais emocionou o público. A voz de Madonna, com *Don't cry for me Argentina*, invadiu o

ambiente. No palco, Evita mostrou sentimento em sua interpretação. Foi a vencedora da noite. Evita, a personalidade feminina do século XX.

A festa foi notícia durante alguns dias. Um apresentador de televisão não perdeu a chance de fazer piada com a declaração do empresário que dissera que ser *gay* é chique.

— Ah, se a moda pega...

SILVINHO TINHA TRINTA anos. Era uma pessoa extremamente séria e responsável. Psicólogo, acabara de abrir o seu primeiro consultório. Estava empolgado com a carreira e tinha muitos planos. Mas tornara-se vítima de um abominável grupo de extermínio. Sua morte estraçalhara o coração de Fernando, seu companheiro. E os amigos, em protesto, saíram às ruas, exigiam justiça. Os assassinos, contudo, não foram presos, sequer identificados.

— Não tem só os casos extremos de violência, como os assassinatos — disse Fernando, semanas depois, no apartamento de Benjamin e Nicolau — tem também a violência verbal.

— Outro dia, eu passava pela rua, distraída. De repente, alguém grita: “Toma aí, bicha!”. E um ovo acertou a minha cabeça — disse Cássio. — Eu, que sou efeminada, sofro horrores! Não posso disfarçar, não sei deixar de ser eu mesma. Sofro preconceito até do próprio meio! Existem bichas que não andam comigo, têm vergonha de mim.

— Cassinho, elas têm é medo — falou Nicolau. — Você é a prova de que elas também são.

— Mas a gente é tudo igual — disse Cássio. — A gente tem é que se unir. Mas, no nosso meio, tem muita desunião. Parece que as bichas só

querem ver a caveira das outras. Um dia desses, eu estava “montada”, fazia um *show* numa boate, e uma bicha da plateia jogou um tomate podre em mim. Acreditam? Onde é que ela arrumou um tomate podre numa boate? Já trouxe de casa, com a intenção de fazer eu “ficar feia”. Morri de raiva, pulei em cima da bicha e quase arranco os olhos dela.

— Eu me lembro — disse Armando. — Eu também estava lá. Foi um horror. E você tem razão, Cassinho. O meio *gay* é muito podre. A gente não é unido. Vivemos um querendo furar os olhos do outro. É falta de caráter, cara querendo tomar o caso do amigo.

— Não vamos generalizar, não é, Armando? — falou Benjamin. — Não é a maioria.

— Será que não, Benjamin? — replicou Armando. — Já vi tanta sujeira que chego a desanimar. Depois, quando falam mal da gente, não tenho coragem nem de replicar.

— Mas nada disso justifica que *gays* sejam agredidos e mortos — falou Fernando.

— Claro que não. Eu não disse isso.

— Parece que algumas pessoas têm a necessidade de descarregar suas frustrações em alguém — disse Nicolau. — E quem é a principal vítima? Quem elas consideram diferente.

— Silvinho dizia algo parecido com isso. — Fernando sentiu saudade do companheiro. — Ele não merecia morrer daquele jeito.

— Ninguém merece — disse Cássio.

O Vieira ficara em silêncio durante toda a conversa, parecia ausente.

— E então, Vieira? — falou Benjamin. — O que acha?

Vieira olhou para ele, com certo enfado.

— Há muito tempo que deixei de achar alguma coisa. — Tirou um revólver da cintura. — Mato o primeiro filho da puta que quiser me matar.

— Se eu fosse você, não andava armado — disse Fernando. — Essa arma pode ser usada contra você.

— Isso é o que a gente vai ver. Se algum desgraçado me ameaçar, eu meto fogo nele. Se a Justiça não faz a sua parte, eu faço a minha própria justiça. É uma selva, queridos, é matar ou morrer. Posso até morrer, mas levo um comigo, ah levo!

Todos ficaram em silêncio.

Então, Cássio resolveu mudar os rumos da conversa; afinal, estavam ali para esquecerem os problemas.

— Vocês viram o *show* da Vera Pfeifer? Que bicha é aquela! Tem silicone até no cu.

Risos.

EM OUTRA OCASIÃO, naquele mesmo apartamento, enquanto ouviam Gloria Gaynor, num volume moderado, os amigos bebiam e conversavam.

— Vocês sabem que o mundo *gay* é muito podre — afirmava Cássio, já alterado pelas cervejas. — Mas tem muita gente boa. No entanto, vocês sabem. Uma fruta podre estraga todo o pomar. Nunca vi tanta desunião, tanta puxação de tapete. Eu não confio em bicha. Com exceção de vocês, é claro. Prefiro amigos héteros.

— Bicha falsa! — falou Fernando, sorrindo. — Se não confia em bicha, não confia em nós. E eu sei muito bem que tipo de amigo hétero você prefere: um bem peludo e musculoso.

Todos riram. Com exceção de Cássio.

— É disso que eu falo — continuou ele. — A gente não se leva a sério. Tudo que a gente fala tem uma segunda intenção.

— Talvez você esteja certo, Cassinho — disse Benjamin.

— Acho que falta mais consciência política entre nós — Armando comentou. — Talvez fosse bom sermos militantes.

— Não suporto essa raça — disse Fernando. — Eles se acham.

— Espera aí — falou Nicolau. — Não seja injusto, Fernando. É essa raça aí que dá a cara pra bater e conquista direitos pra gente.

— É o que eu digo. — Cássio fechou os olhos, sonolento. — Somos muito desunidos. É cada um por si. É por isso que a gente só se ferra.

E Cássio começou a chorar.

Armando sussurrou ao ouvido de Nicolau:

— Está assim porque uma bicha aí roubou o homem dele.

Todos consolaram Cássio. Mas não teve jeito, ele chorou até cair no sono.

— Estava apaixonado o coitado — disse Armando. — Conhecia o cara havia só duas semanas. Mas vocês sabem como ele se entrega.

— Ele é muito carente, pobrezinho — comentou Nicolau. — Sempre foi rejeitado. Sofreu a pior das rejeições, vocês sabem, a rejeição da mãe.

— Não entendo como é que uma mãe pode fazer isso — Fernando falou. — É mais do que ignorância, é falta de amor.

— É a homofobia — disse Vieira. — Pra algumas pessoas, somos uma ameaça.

— Não sei por quê! Somos tão passivos! — disse Benjamin, um sorriso nos lábios.

— Eu não sou passivo — Armando falou. — Eu sou bem ativo!

Gargalhadas.

Nicolau, rindo:

— Vocês não levam nada a sério mesmo, hein?

Por alguns minutos, ficaram todos em silêncio; cada um pensando na própria vida. A cerveja começava a afetá-los. Uma melancolia invadiu o ambiente. E os visitantes resolveram ir embora. Com exceção de Cássio, que ficou dormindo no sofá.

Benjamin e Nicolau apagaram as luzes e, cansados, foram dormir.

QUASE SEPTUAGENÁRIA, NORMA apaixonou-se por um homem trinta anos mais jovem. Seu nome era Alan, um americano encantado pelo Brasil e, obviamente, por Norma. Ele era médico. Negro, alto, elegante, sensível e muito inteligente.

Ela continuava a trabalhar. Era uma mulher ativa, inquieta, não podia parar, jamais. Era dona de uma das melhores escolas do Brasil, seus alunos eram uns dos mais preparados do país. A escola criara filiais; por isso, Norma viajava todas as semanas. O modelo de ensino das escolas Juliano Lopes era copiado por várias outras instituições.

Norma estava feliz. Profissionalmente, realizada. Afetivamente, encontrara um homem que a completava. E, como mãe, não tinha do que se queixar: o filho estava muito feliz ao lado do companheiro e, também, profissionalmente; fazia cinema, teatro e televisão; era um dos atores mais versáteis e talentosos do país.

— Você nunca quis ter filhos? — perguntou Norma a Alan, uma noite.

Estavam deitados na cama, lado a lado. Cada um lia um livro. Alan tirou os olhos do livro e olhou para a mulher.

— Por que pergunta? — disse ele, com seu sotaque americano. — Você nunca me perguntou isso antes.

— Há quanto tempo estamos juntos? Dois anos?

— Dois anos, cinco meses e oito dias.

— Nesses dois anos, cinco meses e oito dias, nunca me preocupei com isso. Que egoísta estou sendo com você. É que, como não posso mais ter filhos...

— Não se preocupe, *darling*. Eu nunca quis ter filhos. No mundo, já existem pessoas de mais.

— Nunca sentiu vontade de ser pai?

— Às vezes. Mas não creio que seria um bom pai.

— E por que não?

— Sou individualista demais. E filho não é brinquedo. É preciso dedicação, paciência e uma infinidade de virtudes.

Norma ficou, por um momento, pensativa.

— É verdade — disse. — Filho não é brinquedo. É preciso muita dedicação. E é pra vida toda, não é mesmo? Filho é pra vida toda. Às vezes, fico pensando. Será que fiz tudo que podia pelo meu filho? Será que...

— Norma, não procure problema onde não existe. Ninguém é tão maravilhosa quanto você. E essa não é só minha opinião, é, acima de tudo, a opinião do seu filho.

— Não sei o que seria de mim sem o meu filho.

— É exatamente o que ele diz de você: “Não sei o que seria de mim sem a minha mãe”.

Alan voltou à sua leitura.

Norma deixou-se levar pelas lembranças. Entre sorrisos e lágrimas, relembrou os acontecimentos da vida de seu filho. E, só então, começou a sentir o peso dos anos.

JOANA ERA UMA belíssima mulher: o brilho nos olhos cor de mel, os cabelos castanhos, a maturidade estampada no rosto sedoso. Estava magra e sóbria. Vivia com um jovem e talentoso pianista por quem estava apaixonada. No entanto, faltava algo para completar a sua felicidade, faltava a felicidade do filho.

José andava com más companhias; estava envolvido com traficantes e, temia Joana, com assassinos. Nas poucas vezes em que procurava a mãe, era para obrigá-la a dar-lhe dinheiro. Parecia um animal feroz. Via-se em seus olhos o ódio que sentia por todos e por si mesmo.

Joana passou por cima do orgulho e resolveu procurar Nicolau. Afinal, ele era o pai, talvez pudesse ajudá-la, não conseguiria sozinha. Cuidar de si mesma já era muito difícil. Ter de cuidar sozinha do filho era demais para ela.

— Estou aqui por causa do nosso filho — disse Joana, sentada num sofá da sala do apartamento de Benjamin e Nicolau.

— O que houve com meu filho? — inquiriu Nicolau, preocupado.

Joana olhou para Benjamin, sentado ao lado do companheiro.

— Não temos segredos — disse Nicolau.

— José está perdido. — Ela respirou fundo. — Nosso filho está precisando de nossa ajuda.

— Seja mais clara.

— Ele está viciado, Nicolau. Está envolvido com gente muito ruim. Não sei até que ponto ele está envolvido no mundo do crime, só sei que está. Preciso que você me ajude.

— Todo esse tempo, eu fiquei afastado de vocês porque pensei que fosse melhor pro nosso filho. Afinal, ele não queria me ver, e eu tinha medo de aumentar ainda mais o ódio dele.

— Nicolau, a última vez que vi José, ele disse que ia te matar.

Nicolau teve ânsias de esbofetear a ex-mulher. Benjamin, que o conhecia bem, apertou-lhe a mão ao perceber tal intenção.

— Pensei que você fosse cuidar bem dele — disse Nicolau, com raiva.

Repentinamente, todas as mágoas vieram à tona. E Joana cuspiu as seguintes palavras:

— Foi você quem nos abandonou! Não me venha culpar agora. A responsabilidade não é só minha.

— Você envenenou meu filho contra mim!

Joana começou a chorar.

— Desculpa. Eu estava louca de ódio. Não queria fazer mal a ele.

Nicolau gritou:

— Mas fez!

Ele levantou-se, andou de um lado para o outro da sala. Passou a mão na cabeça, preocupado.

— Fica calmo, Nicolau — disse Benjamin. — A gente vai encontrá-lo e ajudá-lo.

— Você tem ideia de onde ele está? — perguntou Nicolau a Joana, após retomar a sua habitual frieza. — Não adianta brigar. Vamos ser objetivos. Agora, precisamos pensar só em José.

— Você está certo — concordou Joana, enquanto enxugava as lágrimas. — A última vez que ele me ligou, consegui este número no identificador de chamadas.

Ela entregou um pedaço de papel a Nicolau.

— Quanto tempo faz isso? — perguntou Nicolau, enquanto olhava para o pedaço de papel.

— Uns seis meses — respondeu Joana. — E acho que não vai ajudar muito, é de um telefone público.

— Você tem uma foto dele?

— Tenho sim. — Ela tirou uma foto da bolsa. — Foi tirada há três anos; mas acho que ele não mudou muito.

Nicolau pegou a foto. Um jovem de vinte e dois anos, alto, bonito, cabelos e olhos negros, pele morena.

— Eu errei. Não podia tê-lo deixado sozinho com você.

— Você nunca mais o procurou.

— Tive medo.

Benjamin aproximou-se dele, pegou a foto e o número do telefone.

— Acho que devemos contratar um detetive pra encontrar seu filho, Nicolau.

— É o que vamos fazer — disse Nicolau.

Olhou para Joana e exigiu:

— E quando o encontrarmos, quem vai cuidar dele sou eu!

Joana baixou os olhos, aquiescente.

DE REPENTE, O carro que o seguia atravessou em sua frente naquela rua deserta. Nicolau apertou o freio bruscamente, e o seu carro apagou. Do interior do outro carro, saíram quatro homens jovens, de caras limpas e armados.

— Sai do carro, bicha filha de uma puta! — gritou um deles.

Quando desceu do carro, os rapazes atacaram-no, com socos e chutes. Depois, arrastaram-no para o outro carro, empurraram-no para dentro, e o motorista arrancou. O carro de Nicolau ficou abandonado ali na rua.

Um dos rapazes ria muito, enquanto fazia ameaças. Outros dois xingavam o tempo todo e também faziam ameaças e pareciam mais cruéis e assustadores do que o outro. Só o rapaz que dirigia estava em silêncio.

Por fim, chegaram a uma casa velha, na periferia de Ouro do Monte, abandonada havia anos. Ali, naquela casa fétida e úmida, cheia de ratazanas, aqueles jovens homofóbicos, sob o efeito de drogas, sentiam o cheiro de sangue, o cheiro da morte. Tinham em comum o mesmo desprezo pelos *gays*, o mesmo desejo de matá-los. Exterminariam da face da terra aqueles invertidos, uma gente que lhes causava nojo.

Nicolau perguntou, apavorado:

— O que vocês vão fazer comigo?

Um dos rapazes chegou bem perto do seu rosto e falou:

— Hoje, a gente vai te mandar se foder lá no quinto dos infernos, teteia.

— Mas por quê? O que eu fiz com vocês?

Outro rapaz respondeu:

— Você é a escória do mundo. Nós temos a missão de exterminar todos os anormais feito você.

E ergueu a arma, apontou-a para a testa de Nicolau.

Foi quando José gritou:

— Não!

O outro baixou a arma, surpreso:

— Porra, cara, o que está fazendo?

José apontava uma arma para eles.

— Ninguém toca nele! — gritou. — Quem se aproximar eu queimo! Quem se aproximar eu queimo!

José agarrou o braço do pai e, atento a qualquer movimento dos três rapazes, puxou Nicolau lá para fora.

— Você dirige — ordenou, fazendo-o entrar no carro.

Nicolau deu a partida.

Com a pouca claridade das ruas e da casa abandonada, e pela cegueira que o pavor provoca, Nicolau ainda não reconheceu o filho.

— Por que está fazendo isto? — perguntou Nicolau.

— Cala essa boca, desgraçado, antes que eu me arrependa e estoure os seus miolos.

Quando vira o pai apavorado sob a mira de uma arma, sentira pena, tivera medo, medo de ficar sem pai. E impedira o assassinato. Odiava o pai, queria vê-lo morto. Mas salvara a vida dele. Agora, estava perdido, sua vida estava em perigo, aqueles três rapazes não deixariam por menos. Estava confuso. Chorava de medo. Chorava de raiva. Não podia amar aquele filho de uma puta, não podia. Mas amava, e sentia saudade dele.

— Você está chorando.

— Para o carro! — gritou José.

Nicolau freou.

José abriu a porta do carro e saiu correndo.

Só então Nicolau começou a sentir dor. O medo anestesiava. Chutaram-no com muita força. Deviam mesmo estar com muito ódio. Mas, somente agora, a dor mostrava suas garras.

— As lágrimas embaçavam seus olhos — disse Nicolau, para não pensar na dor. — As lágrimas embaçavam seus olhos...

E começou a chorar.

Estava vivo. Apesar da dor, estava vivo. Mas se não fosse...

— José! Só pode ser ele.

BENJAMIN ESTAVA VIAJANDO com uma peça de teatro. Nicolau estava sozinho em casa. Sentia falta do companheiro nessas ocasiões; mas, por outro lado, gostava de ficar sozinho. Era bom não precisar conversar com ninguém, não ver ninguém. Então, isolava-se do mundo. Mantinha a televisão e o rádio desligados. Não lia jornais. Telefonemas? A tecnologia beneficiava-o: com um identificador de chamadas, só atendia a quem queria.

Estava quase terminando seu novo romance. Era sempre muito angustiante para ele essa fase do trabalho. Ficava sempre a sensação de que havia mais por fazer. Mas, se não desse um fim naquilo, ficaria a vida toda debruçado sobre uma obra interminável. E tinha outras ideias para desenvolver, histórias pediam para ser escritas. Mais uma semana de revisão e mandaria para a editora.

O interfone insistente fê-lo sair de seu mundo de abstrações. Foi muito relutantemente que Nicolau abandonou o computador.

Com irritação, atendeu ao interfone:

— O que foi!?

Ouviu a explicação do porteiro.

— Claro, deixa subir — disse Nicolau, uma ruga de preocupação na testa.

Quando a campainha tocou, Nicolau abriu a porta e disse para José entrar.

— Senta — disse Nicolau.

José sentou-se. Estava trêmulo e muito agitado. Nicolau sentiu certa repugnância, o rapaz fedia. Por alguns instantes, ficaram em silêncio, um evitava o olhar do outro.

— Preciso de sua ajuda — disse José, os olhos baixos e inquietos. — Aqueles caras estão atrás de mim. Vão acabar comigo se me encontrarem. Eu preciso de dinheiro. Minha mãe não quer me ajudar.

— Pra que você quer o dinheiro? — perguntou Nicolau, cauteloso.

José levantou-se, andou pela sala.

— Preciso fugir — disse. — Vou sumir no mundo.

— Eu posso te proteger.

José avançou em direção ao pai e gritou:

— Você me deve isso!

Os olhos, finalmente, encontraram-se, apenas por um instante.

José afastou-se, ficou de costas para o pai.

— Eu já devia imaginar. Nunca me ajudou quando eu precisei. Por que faria isso agora?

Nicolau sentiu o peso da culpa. Teve vontade de abraçar o filho e protegê-lo. Mas teve medo.

— Vou te ajudar desta vez — disse.

— Vai me dar o dinheiro? — Um lampejo de alegria iluminou os olhos de José. Ele virou-se para o pai. — Prometo que depois eu sumo da sua vida.

— Não quero que suma. Quero que fique aqui comigo. Posso cuidar de você, confia em mim. Eu sei que errei com você. Mas eu te amo tanto, meu filho.

— Me dá o dinheiro, cara. É só isso o que eu quero.

— Você vai comprar drogas, eu sei.

José fechou os olhos e coçou a cabeça, impaciente.

— Você precisa de ajuda — continuou Nicolau. — Andei pesquisando. Tem clínicas muito boas pra você se desintoxicar. Você vai ficar bom. Então, a gente pode tentar recuperar o tempo perdido.

— Foda-se, cara!

José caminhou a passos largos rumo à porta. Nicolau agarrou-o pelo braço. José empurrou-o, com violência, e saiu.

— É SÓ O amor que pode manter duas pessoas juntas por tanto tempo, é ele que nos faz ser tolerantes, é ele que nos faz aceitar a realidade. O homem só suporta a realidade porque ama, cria laços. E amar significa aceitar o ser amado, aceitar o ser humano, como ele é, com suas imperfeições — disse Júlia, com um arrogante ar de monja.

Benjamin sorriu, melancólico.

— O amor deve ser uma escolha, certo?

— A vida, Benjamin, não passa de uma escolha.

E Júlia sorriu, enigmática.

NICOLAU FICOU ESTÁTICO, sério, enquanto olhava para a sogra, com espanto e contrariedade.

— Desculpa — disse ela, após controlar o riso. — Mas é um grande absurdo! Imagina Benjamin com uma...

E Norma calou-se de repente.

— Será? — ela se interrogou. — Não, bobagem. Ele nunca. Será?

Aquela reação da sogra só fez aumentar ainda mais a sensação desagradável que Nicolau experimentava.

E ele passou a reagir como qualquer pessoa corroída pelo ciúme: alternava entre o mutismo completo e a agressividade.

— Não estou entendendo por que está chateado comigo — disse Benjamin, perdendo a paciência. — O que foi que eu fiz, porra?!

— Você fez alguma coisa? — retrucou Nicolau, o ciúme nos olhos.

— Não comece com esse joguinho ridículo. Isso não combina com você. Vai direto ao ponto.

— Você está trepando com aquela piranha da Júlia!

Benjamin, surpreso, não conseguiu responder.

— Quem cala consente — disse Nicolau e afastou-se.

— Espera aí! — falou Benjamin, enquanto segurava o outro pelo ombro. — A Júlia é lésbica! Você sabe disso.

— E você é *gay*! Que belo casal!

— Não gosto do seu sarcasmo.

— Não, você gosta do sarcasmo da Júlia.

— Você está sendo infantil.

O telefone tocou.

— Atende essa porra! — Nicolau gritou.

Benjamin teve vontade de esbofeteá-lo. Mas respirou fundo. Atendeu ao telefone.

— É pra você — disse, em tom de acusação.

— Quem é?

— Sua ex.

Nicolau pegou o fone.

— Pode falar, Joana.

Ouviu-a, sem interromper. E depois:

— Quando vou poder vê-lo? — perguntou. —

Ah, sim. Está bem.

Após desligar o telefone, ficou calado e pensativo.

— O que foi? — perguntou Benjamin, preocupado.

— José. Finalmente, aceitou ajuda. Está internado em uma clínica.

Logo esqueceram a briga e, companheiros como sempre foram, uniram-se para ajudar José.

Era a chance de Nicolau, finalmente, ter o filho de volta.

JOSÉ ESTAVA SERENO, sentado num banco de cimento, debaixo de uma árvore.

Joana e Nicolau aproximaram-se.

Nicolau estava apreensivo, tinha medo. Mas não havia motivo para isso, pensava. Afinal, o filho queria vê-lo. Finalmente, José manifestara o desejo de falar com o pai.

José sorriu para ele, e Nicolau sentiu um grande alívio.

Nicolau sentou-se ao lado do filho.

Joana deixou-os a sós.

A princípio, pai e filho não se falaram. E o silêncio, que persistia entre os dois, começou a preocupar Nicolau. Mas José iniciou a conversa.

— Às vezes, tenho muita vontade de desistir.
— Suspirou. — Não é nada fácil ficar aqui.

— Estão te tratando bem, meu filho? Quero dizer, você não está sendo maltratado, está? Porque se for assim, você pode me falar. Eu tiro você daqui.

— Não, pai.

Uma felicidade imensa tomou conta de Nicolau. Ouvir o filho chamá-lo de pai depois de tanto tempo! Nicolau teve a certeza de que José era a pessoa a quem ele mais amava, mais do que a qualquer outra pessoa, mais do que a si mesmo.

— Eu preciso ficar aqui — continuou José. — É difícil. Mas tudo só depende de mim, da minha força de vontade. E eu quero ser feliz, pai. Chega de ficar batendo a cabeça por aí. Eu quero encontrar o meu caminho.

— Meu filho, não sei se é hora pra isso. Mas você me perdoa? Eu devia ter lutado por você. Faço qualquer coisa pra você me perdoar, meu filho. Você é prioridade pra mim, você é o que há de mais importante na minha vida.

Nicolau sentiu um nó na garganta e não conseguiu falar mais nada.

— Ainda não posso responder à sua pergunta, pai. Preciso de mais tempo pra entender tudo o que aconteceu.

E, novamente, foram dominados pelo silêncio.

Joana aproximou-se, e os três conversaram sobre coisas mais amenas.

Na hora de irem embora, Joana abraçou o filho.

— Volto depois — disse.

— Eu também posso te ver novamente? Eu posso, José? Posso?

— Claro, pai.

Nicolau aproximou-se para abraçar o filho; mas recuou, hesitante. Então, José abraçou-o, um

abraço ainda tímido, um abraço breve, que se fortaleceria com o tempo.

NICOLAU FICARA MUITOS anos longe do filho. Eles já não se conheciam. Precisavam recuperar o tempo perdido. Era necessário começar uma vida nova. E, nessa nova vida, não havia espaço para Benjamin.

— Meu filho e eu precisamos ficar sozinhos — disse Nicolau a Benjamin.

José corria risco de vida, havia gente a fim de matá-lo, envolvera-se com muita gente ruim.

— Nós vamos pra Inglaterra — continuou Nicolau. — Vamos morar lá.

Para Nicolau, naquele momento, nada podia ser mais importante do que José.

Benjamin ficou desesperado, chorou muito, pediu para ir com eles. Mas Nicolau foi firme e disse que não.

Nicolau não queria prender Benjamin, deixava-o livre para encontrar outra pessoa.

— Não quero outra pessoa. Eu te amo muito.

Nicolau também amava muito a Benjamin. Mas era um homem racional, controlava seus sentimentos.

— Benjamin, eu posso até me arrepender; mas, agora, é o certo a fazer.

E Benjamin, que o conhecia tão bem, sabia que ele, quando tomava uma decisão, era irredutível.

ERAM SEIS HORAS da manhã.

Benjamin lembrou-se de quando Nicolau lhe comunicara da viagem.

— Não, por favor, não vá! — Benjamin expressara o seu desespero perante a possibilidade de perdê-lo. — Não sei viver longe de você. Fica comigo.

Ajoelhado aos seus pés:

— Eu preciso de você!

Entretanto, diante da irredutibilidade de Nicolau:

— Faz o que achar melhor — Benjamin resignara-se, por fim.

Ainda havia tempo. Podia acordá-lo e dizer tudo aquilo novamente, e muito mais. Ou, melhor!, devia deixá-lo continuar a dormir. Se perdesse o voo, quem sabe mudasse de ideia. Então, Benjamin teria mais tempo com ele, poderia argumentar. É, faria isso. Mas, pensando melhor, não tinha esse direito. Nicolau fizera sua escolha. Benjamin não devia se humilhar tanto. Mas não conseguiria ficar tanto tempo sem o outro. Será que ele voltaria? Meu Deus! o que fazer?

Benjamin levantou-se, abriu a janela, respirou fundo e estremeceu. Angustiado, aproximou-se da cama. E, passando a mão no rosto amado:

— Nicolau, acorda. Meu amor, acorda.

QUANDO BENJAMIN E Nicolau chegaram ao aeroporto, Joana, José e Norma já estavam lá, esperando-os. Não era um momento feliz; mas um momento que devia ser enfrentado.

Nicolau, apesar de sofrer com a separação, achava estar fazendo a coisa certa; ainda não aprendera a conciliar os sentimentos. Continuava, portanto, fazendo aqueles a quem amava sofrerem; pois, a qualquer momento, poderia deixar de dar atenção a um para se dedicar a outro.

Norma não entendia por que Nicolau precisava deixar Benjamin para ser pai de José. Tentara demovê-lo com o argumento de que aqueles eram dois amores diferentes, o amor de um pai pelo filho e o amor de um homem por outro homem, e que podiam ser conciliados. Mas Nicolau, culpado, achava que devia dedicar-se única e exclusivamente ao seu filho, coisa que não fizera no passado.

José sentia-se bem com a atitude do pai, sentia-se especial. Apesar de tratar Benjamin com cordialidade, culpava-o. Benjamin era, para ele, o responsável por todos os males de sua família. Por enquanto, era assim que José via as coisas. E Nicolau sabia disso.

Era hora de embarcar.

José abraçou a mãe, com ternura. Apertou a mão de Norma. Depois, forçou um sorriso e apertou a mão de Benjamin.

Nicolau abraçou Joana, Norma e, por último, Benjamin. Foi um abraço rápido, Nicolau não gostava de despedidas; um abraço quase seco, se não fossem as palavras sussurradas ao ouvido do outro:

— Eu te amo, meu amor.

Então, Nicolau, ao lado do filho, seguiu para o embarque, sem olhar para trás, firme, como sempre. Mas aquela sua declaração final deixava em Benjamin a esperança de que um dia ficariam juntos novamente.

O SONHO

HAVIA UMA PEQUENA casa sobre um penhasco.

O vento soprava forte, e as ondas chocavam-se de encontro ao rochedo.

Próximos à casa, dois velhos caminhavam, de mãos dadas e com os corações leves. Um era negro e calvo. O outro tinha uma pele muito clara e cabelos ralos que não resistiam ao vento.

Pararam ali, na extremidade do penhasco, e ficaram observando a fúria do mar. Podiam compreender aquela fúria, a violência com que as ondas tentavam expandir o mar, sem se conter diante do rochedo colossal.